


**IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA ARTESANAL NA PRODUÇÃO DE IDENTIDADES,
MEMÓRIAS SOCIAIS E TERRITÓRIOS EM DOURADOS-MS**

**ARTISANAL PRAXIS AND ITS IMPLICATIONS FOR THE CONSTRUCTION OF
IDENTITIES, SOCIAL MEMORIES, AND TERRITORIES IN DOURADOS, MATO
GROSSO DO SUL, BRAZIL**

**IMPLICANCIAS DE LA PRAXIS ARTESANAL EN LA CONSTRUCCIÓN DE
IDENTIDADES, MEMORIAS SOCIALES Y TERRITORIOS EN DOURADOS, MATO
GROSSO DO SUL, BRASIL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-080>

Data de submissão: 06/08/2025

Data de publicação: 06/09/2025

Leonam Lomba de Farias

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2826-1463>

E-mail: leonamfarias777@gmail.com

Marina de Sousa Carvalho

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1718-3208>

E-mail: marinascarvalho904@gmail.com

Valeria Aparecida Risson Dallabrida

Graduada em Psicologia

Instituição: Faculdade de Ciências Humanas

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5774-1550>

E-mail: valeriarissdallass@gmail.com

Jennifer Simpson dos Santos

Doutora em Sociologia

Instituição: Universidade de Coimbra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9323-0045>

E-mail: jennifersantos@ufgd.edu.br

RESUMO

As feiras de artesanato são manifestações culturais, sociais e econômicas que confrontam o modelo econômico capitalista, propiciando fluxos de trocas e encontros para além da monetização e do comércio. O presente artigo explora os atravessamentos entre o fazer artesanal de mulheres que participam de feiras em Dourados-MS, e os conceitos de identidade, memória social e território nesse contexto. Utilizando-se da Tecnologia Social da Memória como ferramenta de pesquisa, foram realizadas observações-participantes e entrevistas semi-estruturadas com feirantes contatadas, e a Análise de Discurso para apreciação das informações coletadas. Pôde-se, então, conhecer as atrizes feirantes, registrar e divulgar suas trajetórias que se entrelaçam pelo fazer artesanal, além de compreender como as feiras e o artesanato atuam na (re)construção da memória social e das identidades

dos mesmos. Como resultado, portanto, obteve-se o presente artigo e podcasts publicados na plataforma do Spotify.

Palavras-chave: Feira de Artesanato. Mulheres. Territórios.

ABSTRACT

Craft fairs are cultural, social, and economic manifestations that challenge the capitalist economic model, facilitating exchanges and encounters beyond monetization and commerce. This article investigates the intersections between the craft practices of women participating in fairs in Dourados-MS, and the concepts of identity, social memory, and territory within this context. Utilizing the Social Technology of Memory as a research tool, participant observations and semi-structured interviews were conducted with contacted vendors, along with Discourse Analysis to assess the collected information. This allowed for an understanding of the craftswoman actress, documenting and publicizing their journeys intertwined with artisanal practices, as well as comprehending how the fairs and handicrafts contribute to the (re)construction of social memory and the identities of the vendors. As a result, this article and podcasts published on the Spotify platform were produced.

Keywords: Craft Fair. Territories. Women.

RESUMEN

Las ferias de artesanía son manifestaciones culturales, sociales y económicas que confrontan el modelo económico capitalista, propiciando flujos de intercambios y encuentros más allá de la monetización y del comercio. Este artículo analiza las intersecciones entre las prácticas artesanales de mujeres que participan en ferias de Dourados-MS y los conceptos de identidad, memoria social y territorio en este contexto. Utilizando la Tecnología Social de la Memoria como herramienta de investigación, se realizaron observaciones-participantes y entrevistas semi-estructuradas con feriantes contactados, y el Análisis del Discurso para la apreciación de las entrevistas. Así, se pudo conocer a las feriantes, registrar y difundir sus trayectorias que se entrelazan a través del hacer artesanal, así como comprender cómo las ferias y la artesanía actúan en la (re)construcción de la memoria social y de las identidades de los feriantes. Como resultado, se obtuvo el presente artículo y podcasts publicados en la plataforma de Spotify.

Palabras-clave: Feria de Artesanía. Mujeres. Territorios.

1 INTRODUÇÃO

A vivência em determinado território influencia diretamente nos processos de (trans)formação da memória social e identidade dos sujeitos ali inseridos. As feiras de artesanato, por serem eventos efêmeros, se territorializam momentaneamente e, ao movimentar elementos concretos e simbólicos, (re)organizam dinâmicas e engendram heterotopias (Foucault, 2013). Em vista disso, as feirantes que organizam tais manifestações são atravessadas por fluxos diversos, cujas linhas se entrelaçam no momento vivido, na memória e na cultura (Bosi, 2004).

Nesse contexto, o artesanato, produto de atividade manual na qual se aliam criatividade, tradição e técnica (Melo & Froehlich, 2022), destaca-se enquanto potência de expressão cultural, socioeconômica e política, com mobilizações em âmbito coletivo e individual. Os discursos acerca da representatividade das feiras permeiam o imaginário de cada comunidade e feirante e produzem afetações na/pela memória social. Isto é, estar nos espaços (re)organizados para as feiras desperta outras possibilidades de percepção e relacionamento com o espaço, pois evoca memórias afetivas, sociais e culturais (Lacerda & Mendes, 2019). São atividades resistentes ao desenvolvimento urbano capitalista e fortalecem o direito à cidade (Pinho & Rocha, 2020).

As discussões apresentadas adiante resultaram das atividades do “Estágio em Psicologia Social Comunitária I” e “Estágio em Psicologia Social Comunitária II”, estágios finais curriculares obrigatórios do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Realizada durante os anos de 2023 e 2024, a pesquisa produziu compreensões possíveis sobre as relações de mulheres feirantes e as feiras de artesanato da cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul. Utilizou-se do instrumento Tecnologia Social da Memória (Museu da Pessoa, 2009) para embasar a metodologia de pesquisa e a observação de campo, e da Análise de Discurso (Orlandi, 2009) para efetuar as análises das entrevistas realizadas com mulheres feirantes e artesãs locais.

Portanto, foram feitas visitas para a observação das feiras de artesanato organizadas na cidade de Dourados, com o objetivo de observar a dinâmica dos eventos e estabelecer aproximações e diálogos iniciais. Tais aproximações possibilitaram encontrar as primeiras feirantes e artesãs locais dispostas a colaborar com a pesquisa e, posteriormente, o método de *SnowBall* viabilizou novos encontros. As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas, transcritas, e, por fim, publicadas em formato de *podcast* de nome “Feira das Memórias”¹, na plataforma *Spotify*, respeitando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) sobre os direitos de imagem e voz, firmado entre as partes.

O presente artigo está estruturado em: Referencial Teórico, onde serão apresentadas as referências que discutem as implicações das feiras de artesanato nos processos de produção,

¹ <https://open.spotify.com/show/2e0rjeeIZYEBgWN5LByNq0?si=15b3a22ae2424186>

revivescência e ressignificação das memórias. Além disso, debateremos qual o impacto de tais manifestações na relação entre indivíduo e cidade, e qual a importância disso para a constituição das identidades dos mesmos; Metodologia, item no qual detalharemos as especificidades da Tecnologia Social da Memória e da Análise do Discurso, métodos utilizados para a realização do trabalho; e Resultados e discussões, onde serão debatidos os dados obtidos com as entrevistas e observações de campo, a partir dos conceitos de memória social, identidade e território. Além das Considerações Finais e Referências.

Vale ressaltar que os Estágios contaram com a participação de um número maior de discentes que integraram outros dois grupos de trabalho. As discussões eram frequentes e compartilhadas, não obstante, este artigo resulta de elaborações de autoras(es) que o assinam.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As feiras são manifestações criativas intrinsecamente ligadas ao processo de desenvolvimento das cidades, influenciando e sendo influenciadas pelas transformações das cidades (Quadros, 2022; Silva, 2021; Silva, 2023). São elementos com significativo destaque dentro do campo das Humanidades e suas diversas investigações científicas (Locatelli & Emmendoerfer, 2023; Oliveira, et al., 2012; Pereira, et al., 2022). O presente artigo se insere no escopo dessas pesquisas, pois tem como inspiração feirantes e artesãs atuantes nas feiras de artesanato na cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul.

No cenário Douradense, o artesanato passa por nova valorização social e tem ganhado proeminência no contexto urbano, resultando no aumento de feiras realizadas. Essas contribuem para a sobrevivência da produção manufatureira, sendo, então, manifestações de importância social, cultural e também política. São “experiências de convívio e coletividade, e tem resistido às formas hegemônicas de produção, trabalho, consumo, conhecimento e convivência” (Pereira, et al., 2022, p.181). Dessa forma, são fenômenos democráticos nos quais praças, parques, estacionamentos e quintais são apropriados e reinventados pela população, em um exercício de direito à cidade.

O espaço urbano está em constante disputa e sua (des)construção acompanha as transformações dos mundos modernos sob controle significativo das classes dominantes, o que transforma a cidade em um *merchandise* extremamente lucrativo para o capital (Lefebvre, 1968/2009). Por outro lado, expulsa as classes sociais em condições de vulnerabilidade para as periferias, fazendo com que o uso dos espaços públicos pereça (Lefebvre, 1968/2009). Nesse sentido, é preciso retomar os centros urbanos, ocupar os espaços públicos (muitas vezes abandonados pelo poder público) e mobilizar a teia urbana, criando novas centralidades. O direito à cidade, pois, é exercer “o direito de mudar a nós

mesmos pela mudança da cidade, [...] a liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos” (Harvey, 2012, p. 74).

Não há, portanto, como não analisar as Feiras de Artesanato também como propiciadoras de práticas de cidadania e apropriação do espaço público. Tais eventos permitem fluxos e atravessamentos que ambientes institucionalizados muitas vezes não permitem, já que “a feira se constitui de um território com uma temporalidade e uma espacialidade móvel, e é resultante do estabelecimento de várias relações, inclusive as de poder” (Lacerda & Mendes, 2019, p.148). Classes sociais, sujeitos de sexualidades, de raças, de ideologia divergentes se misturam no espaço, propiciando uma caosmose na qual território, corpo e sujeitos se (re)fazem (Guattari, 1996/2006).

Feirantes, transeuntes, consumidoras(es), artesãs são alguns dos corpos-subjetividades que permeiam os espaços ocupados ocasionalmente pelas feiras, lugares que em dias “comuns” possuem outros usos. Tal transformação, faz com que esses espaços se tornem manifestações daquilo que Foucault (2013) chamou de lugares de heterotopia:

[...] lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2013, pp. 115-116).

As feiras em Dourados ocorrem em praças, estacionamento, parques, ou mesmo em espaços culturais privados, mas nesses dias tais territórios se transformam em “Feira das Pulgas”, “O Balaio”, “O Badaué”; dentre outras. Novas estruturas se erguem, encontros se fazem, multiplicidades de relações e de alteridades, inclusive as das pessoas artesãs. Assim, locais áridos, geradores de afetações aversivas, em tardes e noites de feira se tornam territórios pulsantes, potencializadores de novas subjetivações.

Uma feira (des)organiza dinâmicas e o espaço parece encarnar dimensões — de tempo, de espaço, de afeto — outras. Acontecimento que produz rupturas nos fluxos instituídos, um jogo que movimenta o campo simbólico, mobiliza e transforma memórias latentes, cria outras e o território se faz de e na feira. Desterritorialização, reterritorialização, deslocamentos ininterruptos dos sujeitos e dos espaços; e de seus duplos imagetizados num espelho heterotópico, ora real, ora irreal, sempre ambos (Foucault, 2013).

As noites de feira abrem espaço para as mais contrastantes manifestações do desejo, indispensável para aquelas se fazem presentes:

As necessidades sociais tem um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar e a necessidade de reunir essas percepções num mundo. [...] necessidade de uma atividade criadora de obra e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis necessidade de informação de simbolismo de imaginário de atividades lúdicas (Lefebvre, 1968/2009, p. 105).

Circulam, então, afetos que contribuem ativamente no trabalho de memória, pois a experimentação dos acontecimentos mobiliza processos de recordação e a revivescência de fatos vividos (Assumpção & Castral, 2022). Entre o fazer do artesanato, a participação nas feiras e a rememoração, a memória das artesãs permanece em constante devir:

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação da expressão de si, supõe um trabalho da memória que se realiza em três dimensões diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida no presente, sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (Candau, 1998/2012, p. 60).

Ao se analisar o conceito de memória, então, os tempos se entrelaçam em uma dinâmica de fronteiras inexatas. O passado não é categoria desconexa, e/ou distanciada, mas uma linha de força que atua entre os campos do presente e do futuro (Candau, 1998/2012), o que implica também na produção de identidades e identificações (Assumpção & Castral, 2022). Ora, identidade e memória estão, portanto, imbricadas, pois como. Candau (1998/2012) afirma: “a memória consolida ou desfaz o sentimento identitário”, e “a perda da memória é, portanto, uma perda de identidade” (pp.59-60). Isto posto, é indispensável produzir possibilidades para revisitar o passado para atualizar o presente e projetar desejos no futuro.

Tal atividade, chamada de “ato de memória”, é uma forma de criar narrativas de si, e constituir-se enquanto sujeito de identidade (Candau, 1998/2012). Não obstante, esse processo é conturbado, contraditório, pois há fatos que se mostram angustiantes sob os quais atuam tanto mecanismos inconscientes de esquecimento, que protegem o ego de um sofrimento indizível, quanto movimentos conscientes — ajustes, invenção, omissão, modificações — que revestem as representações das memórias. Estratégias identitárias, todas legítimas, operam para unir as linhas narrativas (Candau, 1998/2012).

Entretanto, toda memória é um fenômeno, ao menos em algum nível, coletivo e social (Candau, 1998/2012; Pollak, 1992), e há de se considerar que na produção do discurso da história, existem forças

que atuam produzindo visibilidades e apagamentos (Foucault, 1971/1996). Nora e Aun Khoury (2012) discorrem sobre as relações entre a memória e a história, e avaliam que a segunda se faz por meio de uma reconstrução sempre incompleta, uma operação intelectual, analítica, dentre outras coisas. Ademais, para o autor, a memória “está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (p.09).

A questão que se apresenta — neste jogo de forças, nessa incidência de usos e manipulações — é quais são as narrativas que acabam silenciadas pelos dispositivos discursivos; quais identidades, subjetividades sofrem processos de invisibilização; quais memórias se tornam suspeitas para a história, como diz Nora e Aun Khoury (2012)?

Pollak (1989) apresenta uma resposta ao dizer que seriam “aquelas que são relegadas pela história nacional, que não encarnam fatos de nação, que compõem o cotidiano mais puro e simples, aquelas que se encontram no “elo mais frágil” da disputa, as memórias subterrâneas (Pollak, 1989, p. 04), e que, portanto, “é necessário, por isso, abrir lacunas por onde possam emergir as narrativas que privilegiam as memórias “dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, [...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio” (Pollak, 1989, p. 04). Da mesma forma ocorre com o discurso, constituído por elementos que fogem da alçada do visível, do palpável, são palavras em fluxos atravessadores que permitem ao sujeito tecer significações e sentidos de existência (Orlandi, 2009).

Então, memória e discurso se fazem de não-ditos e desvios (Candau, 1998/2012; Orlandi, 2009), por isso não há verdades a serem encontradas nos mesmos, pelo contrário, o sentido é um vir-a-ser impulsionado por esquecimentos, lacunas, deslizos:

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformações, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, a venda um trabalho contínuo, o movimento constante do simbólico e da história (Orlandi. 2009, p. 37).

Discurso e memória que, por outro lado, se fazem também da prática manual, já que objetos também narram sujeitos e memórias. Miller (2013) aponta que não há separação entre sujeitos e objetos e assim, aquilo que ele chama de “trecos”, os objetos que compõem o vivido, são elementos constituintes dos sujeitos. Da mesma forma são os objetos produzidos pelas artesãs que ultrapassam os limites do utilitarismo/monetização, objetos biográficos, e ganham do tempo outros valores, ganham

memórias a serem narradas, objetos que “mais que uma sensação estética ou de utilidade dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (Bosi, 2004, pp. 25-26).

Tantas sutilezas e complexidades analíticas exigem alto grau de acurácia, o que só é alcançável ao lançar mão de um dispositivo de interpretação. Orlandi (2009) aponta que o analista do discurso trabalha “(n)os limites da interpretação, [...] “em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (p.61). E como o discurso não se fecha em si, o que se persegue na análise “é a compreensão dos processos de produção de sentidos e da constituição dos sujeitos em suas posições” (p.72).

Ao tecer aproximações, suscitar rememorações e produzir transformações; tocar o vivido; fixar-se no presente e ansiar possibilidades de futuro, se torna possível a reelaboração de narrativas e memórias (Candau, 1998/2012). Registrar todo o processo, não somente para transformá-lo em memórias-arquivo, mas também em lugares de memória investidos de intenção e simbolização dos sujeitos (Nora & Aun Khoury, 2012). Por fim, analisá-lo para buscar os desvios produzidos pelos não-ditos sobre o que é evidente (Orlandi, 2024) e amplificar as vozes para que outros atores sociais possam compartilhar dessa experiência (Museu da Pessoa, 2009). São estes elementos que traremos em sequência.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As presentes análises resultaram das atividades do “Estágio em Psicologia Social Comunitária I” e “Estágio em Psicologia Social Comunitária II”, estágios finais curriculares obrigatórios do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Realizado durante o segundo semestre acadêmico de 2023 e primeiro semestre de 2024, o trabalho produziu reflexões acerca dos desdobramentos da vivência de mulheres enquanto artesãs e feirantes em algumas feiras de artesanato da cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul. O recorte escolhido para as investigações foi inspirado na Tecnologia Social da Memória, criada entre os anos de 2005 e 2009 pelo Museu da Pessoa.

Tal ferramenta permite abrir rachaduras na sólida narrativa histórica hegemônica, para que sujeitos, antes invisibilizados, possam reaparecer (Museu da Pessoa, 2009). Estes, uma vez apropriados desses espaços, se tornam narradores de suas histórias; e podem produzir outros enquadramentos de memória e deixar marcas nos meandros da memória coletiva (Pollak, 1989). No entanto, é preciso cuidado ético em todo o processo para não se afastar das reais motivações da pesquisa sustentadas pelas seguintes questões: para quem?; com quem?; por quê; e para quê? se está pesquisando (Museu da Pessoa, 2009).

A Etnografia foi utilizada como método para submergir no campo da pesquisa, pois ela se apresenta como uma “arte e a ciência de descrever um grupo humano — suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p.30). Assim, é possível vincular-se ao local e às pessoas observadas e dirimir os distanciamentos entre pesquisadoras(es), colaboradoras(es) e a observação em si, o que permite obter informações mais aproximadas dos contextos observados (Angrosino, 2009).

Observações-participantes foram organizadas conforme a previsão e programação de cada feira, para que pudéssemos reconhecer os territórios, as feiras e encontrar potenciais colaboradoras para as entrevistas. Realizamos aproximações e conversas iniciais nos eventos, além de busca ativa nas redes sociais e encontramos a primeira mulher feirante e artesã disposta a compartilhar sua experiência conosco. Posteriormente, com a técnica *snowball*, na qual uma entrevistada indicava outras, encontramos as demais participantes. As entrevistas tiveram caráter semi-estruturado, com perguntas abertas e elaboradas por meio do Diagrama de Sentido (Museu da Pessoa, 2009), direcionadas às experiências com a produção do artesanato e à participação nas feiras. Foram realizadas quatro entrevistas com duração entre 15 a 50 minutos, as quais foram gravadas com dois aparelhos celulares e editadas na plataforma *Spotify for podcast*. Todas assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz, segundo Lei nº 9.610/98 autorizando a gravação e utilização do material para fins acadêmicos.

Para a realização da análise dos materiais recorreu-se à Análise do Discurso, uma vez que Orlandi (2009) discorre sobre a indissociação entre memória e discurso, quando a memória “é tratada como interdiscurso”, “como aquilo que se fala antes, em outro lugar”, sendo que “[...] O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2009, p.31). Então, sob essa perspectiva, ao realizar uma análise discursiva busca-se tanto o dito quanto o não-dito, ou seja, os dizeres, mensagens e sentidos suspensos que engendram o discurso à revelia do controle do sujeito.

Além disso, dar materialidade às narrativas compartilhadas e fazer dos arquivos testemunhos da existência de vozes até então abafadas é uma das prerrogativas da Tecnologia Social da Memória (Museu da Pessoa, 2009). Para isso escolhemos publicizar os diálogos coletados em diferentes episódios na plataforma do *Spotify*, sob o título “Feira das Memórias”. Além de produzir esse presente artigo, através do qual apresentaremos o que pudemos acompanhar das memórias e identidades artesãs produzidas com o fazer artesanal dessas mulheres.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O antropólogo Candau (1998/2012) define a memória como sendo social, pois os indivíduos são dotados de um mosaico de memórias que se movimentam atemporalmente, ligam ao presente vivido um passado outrora esquecido, e permitem a projeção de futuros. Tais memórias surgem, muitas vezes, de processos que não se reduzem ao semântico e fisiológico, pois, como o autor defende, as memórias são provenientes de um contexto político e de representações vivenciadas socialmente pelos seus integrantes. Memórias que tecem ligações tanto individual, quanto socialmente.

Tal fato permeia as falas das entrevistadas, pois para a maioria das feirantes a produção do artesanato evoca sensações de um passado experienciado juntamente de seus familiares. Patrícia Pires, do “Sabonepati”² e Sara Almeida³, colaboradoras da pesquisa, nos contam que:

[...] eu tenho um histórico familiar já de feiras e também de artesanato, feiras pelo lado do meu pai, artesanato pelo lado materno. Meu avô era torneiro-marceneiro, muito talentoso, fazia aqueles móveis desenhados, maravilhosos, minha mãe, na nossa primeira infância, embora ela não trabalhasse fora, ela tinha sempre a rendinha dela com artesanato[...] depois disso, na segunda infância, quando era um pouco maior, ela trabalhava com macramê [...] eu lembro muito disso, minha mãe tecendo macramê [...] e eu gostava muito desse universo. Então, essa parte artesanal tem desde a infância [...] (Artesã Patrícia Pires).

Desde criança eu tinha aptidão para arte, é um dos meus hiper-focos [...] e foi aí que eu comecei a trabalhar com isso. Eu sempre gostei muito de miniaturas também. [...] foi muito meu pai e minha mãe que compraram as coisinhas para eu fazer, e eu comecei a fazer e deu bastante certo, a venda das coisinhas [...] (Artesã Sara Almeida).

Revisitar memórias e afetos é um ato que propicia a (re)criação de narrativas que contam de si, constituem-se como um “ato de memória”, indispensável para a formação de identidades (Candau, 1998/2012). Nesse sentido, Rozimeire Santos, a “Rozi das Casinhas”⁴, outra colaboradora, narra:

Eu vivi tudo, quando eu monto um cenário, eu vivi tudo, tudo que às vezes eu construo. Realmente, são coisas que eu vou falando e eu vou ali dando pinceladas. Mas se eu falar que eu não estou ali dentro das minhas próprias peças seria até mentira [...] (Artesã Rozimeire Santos).

O processo de criação e o objeto artesanal desencadeiam fluxos capazes de suplantam a simples comercialização, além de transformar as relações de si consigo, como nos conta Keila, do “Keila Libório Ateliê”⁵, também interlocutora entrevistada:

[...] A miçanga é uma terapia para mim, quando eu tô estressada eu faço miçanga, quando eu tô feliz eu faço miçanga, ela é um refúgio, uma terapia pra mim sim. E eu me sinto bem quando

² <https://open.spotify.com/episode/1rNis1y4ISFO4L99ZHK3Kp?si=UMiDBmSFRuoJb-bLmlw-Q>

³ <https://open.spotify.com/episode/4Yd3UPRdwgXvKFLTGAn296?si=XN8Utm2iQZyKaV8JVuDcZA>

⁴ <https://open.spotify.com/episode/384nJqx2Igre7vU5gRN5VH?si=LN0-rjiyS2aB2C4-mx-zPA>

⁵ <https://open.spotify.com/episode/6j3dbkqhINqCqZA99ceL1p?si=HHUf5JCATgaqG07mwQED4Q>

alguém compra e fica apaixonado pelas minhas peças, é muito bom você ser reconhecida com o seu trabalho e eu tô sendo, agora que eu tô sendo reconhecida (Artesã Keila Libório).

A partir dessa declaração, é possível reconhecer um universo de sentidos em movimento, atrelados à produção das artesãs, desde o momento da confecção até a venda. Bosi (2003) analisa as lembranças e recordações enquanto parte do tempo social, o qual invade o individual e abre espaço para a memória coletiva:

A comunidade familiar ou grupal exerce função de apoio como testemunha intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado (Bosi, 2003, p. 54).

As artesãs compartilham recortes de suas lembranças, as quais, tanto no presente quanto no passado, vinculam-se ao trabalho artesanal, como narra a “Rozi das Casinhas”:

A peça vai pra outra casa, vai trazer uma memória pra outra pessoa, vai tocar, né? Aí você vai pra casa do fulano, chega lá, vê uma peça minha, aí você vai falar, “gente, mas essa aqui, minha avó era assim, tomava a água ali no filtro, no cantinho, era gelada”, então tipo assim, tudo é um processo, né? (Artesã Rozimeire Santos).

O que nos lembra da observação de Bosi (2003) acerca de objetos que se impregnam da vida vivida, os objetos biográficos. Pois que:

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade [...] (Bosi, 2003, pp. 25-26).

Além desse âmbito interpessoal, analisado até aqui, as feiras e o artesanato impactam o desenvolvimento de uma região econômica, mas também cultural e politicamente. No entanto, isso ocorre sob outras perspectivas, pois as feiras livres oferecem resistência à lógica produtivista e constituem-se como espaços coletivos impregnados de aura simbólica, para além de sua materialidade e funcionalidade, e se tornam lugares de memória (Nora & Aun Khoury, 2012). As artesãs que neles expõem, exercem um papel social significativo para essa dinâmica coletiva, pois há fortalecimento de laços e processos identificatórios entre elas e sua clientela que ultrapassam as relações comerciais. Rozimeire e Patrícia falam sobre isso:

[...] é muito recompensador, essa experiência com o público, essa reação do público que geralmente eles ficam, assim, primeiro incrédulos, curioso, ‘o que que é isso’ e aí eles ficam tentando adivinhar pela experiência deles [...] (Artesã Patrícia Pires).

Eu sempre falo, às vezes vai na feira, logicamente a perspectiva de querer vender é, é a feira mesmo, mas assim o dinheiro em si, se não vier agregado a algo, não é satisfatório. É gostoso quando alguém chega e fala “Rozi, hoje eu não vou levar nada, mas eu vim te ver”, [...] “ah hoje eu não vou levar nada, mas só vim te dar um abraço”, e é muito gostoso sabe! (Artesã Rozimeire Santos).

As feiras de artesanato contrastam com a comercialização em massa e desenfreada, os produtos são feitos à mão, com singularidade entre as peças e com valor afetivo, direcionado não apenas a compra. Produtos, saberes, fazeres e afetos são trocados nesses espaços de resistência com tessituras de redes de coletividade (Pinho & Rocha, 2020).

Na cidade de Dourados-MS, as feiras livres de artesanato, antes resultado da implicação pontual de algumas personagens e coletivos civis, hoje recebe apoio da prefeitura municipal e entidades privadas. Conforme se consolidam na comunidade, as feiras se multiplicam e diversificam, atraindo novos públicos e expositores que veem a oportunidade de exposição de suas peças artesanais e de incrementarem a sua renda. Entretanto, o número de feirantes para cada categoria de produto expostos é limitado, devido à concorrência de expositoras(es), os quais, inclusive, são escolhidas(os) por meio de um processo de seleção.

Tal procedimento é uma fonte de preocupação para as artesãs, pois nem todas são selecionadas pela curadoria. Entretanto, o método é aceito por elas e pode ser uma oportunidade para experienciar a feira sob outras perspectivas, como conta Patrícia Pires do “Sabonepati”:

Mas agora os outros que nem o Balaio sempre seletiva né, teve uma agora de uma loja, “Como se *Lhama*”, que eu fui lá visitar, me inscrevi da primeira e não fui selecionada, me inscrevi não fui selecionada... tá tudo bem, na hora certa, tiver que ser a gente vai, mas eu vou como visitante de qualquer forma eu sou consumidora também e visitante (Artesã Patrícia Pires).

As Feiras de Artesanato são heterogêneas, possuem modos de organização e funcionamento distintos. Algumas são itinerantes e ocupam localidades variadas, outras contam com local fixo, há aquelas mais esporádicas, enquanto outras ocorrem regularmente e é possível encontrar uma variedade de produtos: comidas, bebidas, saboarias, brechós, acessórios, quadros e artesanato em geral. Além disso, oferecem todo tipo de atividade: atrações musicais, apresentações teatrais, intervenções poéticas, políticas, promoção de adoção de animais, o público é diversificado, desde jovens a idosas(os).

Os eventos, portanto, alteram fluxos de tempos, sujeitos e desejos, desarticulam centralidades e possibilitam a (re)ocupação do urbano, são manifestações que garantem acesso à cidade enquanto direito político, social e estético (Harvey, 2012; Lefebvre, 1968/2009). A potência das feiras livres de

artesanato, enquanto afirmação ética, perpassa os limites das trocas econômicas, descolonizando e borrando as fronteiras das relações entre o individual e o social (Santos, 2019) .

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras de artesanato conquistam cada vez mais apoio, seja do poder público, seja da iniciativa privada, e passaram a figurar nas agendas culturais do município de Dourados-MS. Essa realidade devolve às feiras, gradativamente, a importância outrora retirada e deslocada para as lojas de departamentos e ampliam-se as possibilidades para outras manifestações artísticas, culturais e gastronômicas surgirem, fortalecendo a dinâmica comunitária da cidade (Pereira et al., 2022). As artesãs se apresentam como personagens centrais nesse cenário, pois não havendo artesãs, não haveria necessidade de feiras de artesanato; por outro lado, havendo feira, novas artistas surgirão, impulsionadas e inspiradas naquelas que já iniciaram seu percurso artístico. Dessa forma, os eventos se espalham pelo território douradense e os espaços públicos começam a ser reapropriados pela população.

Entre narrativas, afetos e estudos, pôde-se identificar algumas dessas personagens, para então, conhecer, registrar e divulgar suas trajetórias. Trajetórias essas que se entrelaçam, entre semelhanças e idiosincrasias, unidas por um fazer comum, o artesanato. Sentimentos de pertencimento, cooperativismo e coletividade atravessam as relações nas feiras e, como constatado nas entrevistas, propicia o fortalecimento das subjetividades feirantes, artesãs e artistas.

As histórias e memórias narradas resgatam o passado e, vestidas de presente, se projetam ao futuro ainda incerto, são memórias que “esperançam”. Narrativas sustentadas ora na memória familiar, elemento comum a diversas pessoas artesãs (Silva, 2023); ora tecidas a partir das manifestações do desejo. Memórias, portanto, pertencentes a cada sujeito, mas também atadas ao campo coletivo (Candau, 2012; Pollak, 1992), são processos vivos, devir que estará sempre engendrando veredas nesse sertão douradense.

REFERÊNCIAS

Angrosino, M. (2009). *Etnografia e Observação Participante*. Tradução de Pedro Bendassolli. Porto Alegre: Artmed.

Assumpção, A. L. & Castral, P. C. (2022). Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, v.14, n.27, Jul/Dez 2022. periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria.

Bosi, E. (2004). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. (2a ed.). Ateliê Editorial.

Candau, J. (1998/2012). *Memória e identidade*. Contexto.

Foucault, M. (2013). De espaços outros. *Estudos avançados*, 27(79), 113-122. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>

Foucault, M. (1971/1996). *A ordem do discurso*. (3a ed.). Edições Loyola.

Guattari, F. (1996/2006). *Caosmose: um novo paradigma estético*. (4a ed.). Editora 34.

Harvey, D. (2012). O direito à cidade. *Lutas Sociais*, (29), 73–89. <https://doi.org/10.23925/ls.v0i29.18497>

Lacerda, F. R. & Mendes, G. F. (2019). A feira como lugar de memória: imagem, patrimônio e tradição na produção no espaço geográfico. *ParaOnde!?*. 12(1), 141–154. <https://doi.org/10.22456/1982-0003.94099>

Lefebvre, H. (1968/2009). *O direito à cidade*. (3a ed.). Centauro Editora.

Locatelli, D. R. S. & Emmendoerfer, M. L. (2023). Olhares plurais n(o percurso d)os estudos sobre feiras no Brasil. *Rev. Anais Bras. de Est. Tur*, v.13 (nº Único), pp.1-15. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/42282>.

Lourenço, H. A. C., Silva, V. F., Farias, L. L., Carvalho, M. S., Dallabrida, V. A. R., Theodoro, A. J. A. & Silva, A. Y. T. (Apresentadores). (2024). *Feira das Memórias* [Podcast de áudio]. Spotify. <https://open.spotify.com/show/2e0rjeeIZYEBgWN5LByNq0?si=fadbf34c61f740b1>

Melo, C. I. & Froehlich, J. M. Território feito à mão: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas. *TESSITURAS: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v.10, nº2, jul-dez 2022.

Museu da Pessoa (2009). *Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*. ABRAVÍDEO e Museu da Pessoa.

Miller, D. (2013). *Treco, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material*. Zahar.

Nora, P., & Aun Houry, T. Y. (2012). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

- Orlandi, E. P. (2009). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. (7a ed.). Pontes Editores.
- Oliveira, J. S.; Cavedon, N. R. & Figueiredo, M. D. (2012). O artesanato na ótica de quem o produz: com a palavra os artesãos do Brique da Redenção em Porto Alegre. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social* v.1(n.3), p. 141- 162. <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/10056>.
- Pinho, R. B. & Rocha, E. (2020). Feira das pulgas na contemporaneidade: cartografia nas cidades de Buenos Aires, Montevideu e Curitiba. *Oculum Ensaios*, 17, 1–21. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v17e2020a4370>
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3. p. 3-15. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, pp. 200-212. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>
- Pereira, S. B.; Brito, T. P. & Pereira, V. G. (2022). Feira-livre como experiência de Bem Viver: uma expressão pulsante das resistências cotidianas. *Percursos*, vol. 23 (nº 53), 2023, pp. 180-195. <http://portal.amelica.org/ameli/journal/815/8154293007/>.
- Quadros, C. B. (2022). *A feira e a cidade: espaço urbano, memória e sociabilidade da feira livre de Dourados (1948-2016)*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Grande Dourados]. <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5209>.
- Santos, J. S. (2019). Descolonizar a prática: o artesanato como forma de afirmação ética. In J. S. Santos, R. F. Fachinetti & R.A. Silva (org), *Descolonizar a prática e o sexo*. (pp. 117-141). CirKula.
- Silva, C. A. (2021). *Territorialidade e paisagem da feira livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais: lugar, memória e identidades (1967-2019)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa]. <https://locus.ufv.br/items/f45d4704-308f-406a-ba14-fedb99279893>.
- Silva, M. C. C. (2023). *Tramando a cidade: o fazer-artesão e seu modo de produzir a Praça da Sé*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37716>.